

DIFICULDADE NA LEITURA E NA ESCRITA: INTERVENÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E PSICOMOTOR

Maria Robevânia das Virgens (1); Luis Antonio Ayala Silvera (1)

Universidad San Lorenzo: mrvirgens@hotmail.com

Universidad Americana: es.de.luis@gmail.com

Resumo: Segundo Ferdinand de Saussure, os Linguístas juntam-se aos Psicólogos para estudar os processos da mente (linguagens), resultando na Psicolinguística. No entanto, surgem os estudos do cognitivo e do psicomotor. Desarte, estudiosos como Piaget, Vygotsky, Levisky e outros consideram que o lúdico vai além da simples brincadeira. Por isso, o objetivo geral desponta-se da importância da intervenção através de atividades lúdicas para estudantes com dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita, como por exemplo: Disgrafia, Disortografia, Dislexia, Déficit de Atenção. Quanto aos objetivos específicos, focou-se na inserção de atividades lúdicas específicas, desenvolvendo habilidades do ato de ler e escrever, utilizando estratégias pedagógicas de intervenção para tal aquisição. Metodologia: Elaborou-se um mini manual lúdico, contendo dicas e sugestões, para mediar tais distúrbios e dificuldades dos educandos de 07 a 09 anos. Nesta pesquisa os resultados foram positivos para autoestima, concentração e desenvolvimento de habilidades para a leitura e a escrita.

Palavras-chave:

Leitura, Escrita, Intervenção.

INTRODUÇÃO

Um dos aspectos relevantes desse trabalho foi o registro das dificuldades em leitura e/ou em escrita nas crianças de 07 a 10 anos, no Ensino Fundamental de uma escola¹ municipal, da periferia da cidade do Recife, onde professores desenvolvem seu trabalho de alfabetização, nas salas de aulas do ensino regular, para crianças com dificuldade ou distúrbio de aprendizagem na leitura e/ou na escrita, mesmo não sendo, na maioria das vezes, tais docentes, especialistas para diagnosticar quaisquer distúrbios ou dificuldade de aprendizagem.

Outro aspecto significativo nessa pesquisa foi a possibilidade do professor, em seu planejamento de aula, inserir um espaço para trabalhar atividade lúdica e diversificada que desenvolva várias habilidades necessárias para a desenvoltura da leitura e da escrita nesses estudantes.

Uma das consequências deste enfoque foi a possibilidade de elucidar ideias de atividades que envolvam a atenção da criança desenvolvendo suas potencialidades, e assim desmitificando rotulações negativas concebidas às crianças com dificuldade de aprendizagem.

A fase inicial dessa pesquisa se constituiu no esboço do tema e na configuração dos pontos críticos, que orienta a coleta dos dados e sua análise dos resultados.

1 Por questão ética o nome da escola não será divulgado

Ao trabalhar com dificuldade de aprendizagem na leitura e/ou na escrita, procurou-se aliar os objetivos identificando quantas crianças dessa turma possuíam dificuldade na leitura e/ou na escrita; verificando quais as áreas na leitura e/ou escrita elas possuíam tais dificuldades e em quais aspectos houve superação da leitura e/ou escrita dessas crianças, ressaltando os procedimentos nas práticas didáticas, de forma natural e não como vias de regras, tanto para o professor como para o estudante.

A estruturação desse trabalho foi norteada com embasamentos de distintos teóricos como: Lefrève (1975); Piaget (1978); Ferreiro e Teberosky (1979), Freire (1982) e outros. Os quais apresentam procedimentos metodológicos fatíveis como indicadores especiais no tema de aprendizagem da leitura e da escrita. Além da descrição das funções e métodos sobre leitura e escrita, esses autores também abordam o processo de ensino-aprendizagem.

Na metade do século XX, aproximadamente 1950, Noam Chomsky baseando-se nos conceitos linguísticos de Ferdinand de Saussure, desenvolve vários estudos sobre o processo da linguagem na mente. Anos depois, os Linguistas juntam-se aos Psicólogos para estudar os processos da mente (linguagens) juntamente com o comportamento, gerando a hibridização das disciplinas resultando na Psicolinguística, que passa a ter estudos focados em como se reproduz e se compreende a linguagem. Pois, ao observarem esse processo mental surgem os estudos do cognitivo e psicomotor, para contribuir com as intervenções docentes.

Lefrève (1975, p.123) conceituou distúrbio de aprendizagem (DA), no Brasil, com a definição de:

síndrome que se refere à criança de inteligência próxima à média, média ou superior à média, com problemas de aprendizagem[...] Que podem ser caracterizados por várias combinações por déficit na percepção, conceituação, linguagem, memória, atenção e na função motora.

A maioria dos professores nas escolas do Recife, no Brasil, segundo a definição de Lefrève, não consegue identificar alguns distúrbios de aprendizagens dos alunos, no âmbito da leitura e escrita, por exemplo: a Dislexia. Conforme Sandra Torresi (2012), professora de Neuropsicologia da Universidade de Morón na Argentina, eles não são obrigados a fazerem diagnósticos, pois dependem da avaliação de vários profissionais das áreas específicas, como por exemplo: psicopedagogo, fonoaudiólogo, psicolinguística, etc. Mas, isso não quer dizer que o professor de sala de aula não precise ou não possa identificar bem o que impede o desenvolvimento no aprendizado do aluno.

Esse trabalho consiste em Analisar em que aspecto o uso da cartilha ajuda os professores e as crianças de 07 a 10 anos da turma “A”², em uma Escola Municipal do Recife, a superarem suas dificuldades na leitura e/ou na escrita, além de despertar e aprimorar a percepção do professor (mesmo àqueles que não são psicomotriz, psicopedagogo ou psicolinguística) no que se refere às dificuldades e transtornos de aprendizagem do aluno.

Vários fatores sociais interferem no desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes, afetando ainda mais fortemente os que têm distúrbios do tipo Dislexia, TDA (Transtornos Déficit de Atenção), TDAH (Transtornos Déficit de Atenção e Hiperatividade), Dislalia, e outros..

Essa pesquisa objetivou elaborar e oferecer para os estudantes, atividades lúdicas onde os mesmos se envolvam de forma prazerosa, e desenvolvam habilidades que potencializem ou ajudem a desenvolver a leitura e a escrita. Tais atividades, (contidas neste minimanual elaborado) tendem a melhorar a percepção do docente para a situação encontrada, mesmo sabendo que isso não os eximem de encaminhá-los aos devidos profissionais especialistas.

METODOLOGIA

Distúrbio e dificuldade de aprendizagem na leitura e na escrita são os desafios mais recorrentes nas salas de aulas no Brasil, seja em escolas públicas, municipais ou privadas, a partir deste fato e da hipótese traçada para o desenvolvimento do presente estudo, que as atividades lúdicas diferenciadas ajudam a desenvolver e/ou potencializar habilidades necessárias para a leitura e escrita nos estudantes, realizamos uma triagem inicial para a identificação das fragilidades de cada estudante na leitura e na escrita.

Desse modo, iniciou-se a investigação com uma sondagem (por meio de uma tabela, que segue abaixo, para registrar o nível de escrita e de leitura dos estudantes: pré-silábica; silábica; silábica alfabética ou alfabética).

Tabela 1: Nível de Alfabetização nos bimestres

Níveis de Alfabetização					
Nome do Aluno	Sondagem Inicial	1º bimestre	2º bimestre	3º bimestre	4º bimestre

Fonte: Dados da pesquisa

Legenda:

2 Referência dada à turma, a qual a pesquisa foi desenvolvida

1-Pré-silábica

2-Silábica

3-Silábica Alfabética

4-Alfabética

*Cada número inserido no campo da tabela corresponde a um nível alfabético

Após a triagem, deu-se início à série de estudos experimentais, para em seguida o professor realizar a intervenção com as novas atividades lúdicas escritas, na cartilha.

Para a efetivação do presente estudo foi realizada a pesquisa com o método misto (quali-quantitativa). A mesma tem características e aspectos tanto do tipo qualitativa como quantitativa, e também, análise de literatura, análise de conteúdo, pesquisa de campo/realidade. De acordo com Alvarenga (2010, p.11), o enfoque misto “[...] oferece a possibilidade de obter informações de maior profundidade e ao mesmo tempo maior amplitude do problema investigado”. Além de ser descritiva, com o objetivo de observar, analisar, registrar, e correlacionar fatos ou fenômenos (que são as variáveis) sem manipulá-los, e de ter conhecimento de diversas situações que fazem parte da vida política, social, econômica e ainda outros aspectos do comportamento humano, tanto isoladamente como de grupo. Assim sendo, esta investigação focou na finalidade de levantar e medir dados sobre o apoio que a cartilha pode oferecer aos professores e estudantes de 07 a 10 anos, com dificuldades na leitura e na escrita. A população designada para esta iniciação científica foi composta por estudantes do Ensino Fundamental - anos iniciais, de uma escola municipal do Recife. Esses estudantes têm faixa etária de 07 a 10 anos, cursando a mesma série/ano (2º ano), na mesma turma “A”, com a mesma professora. Acredita-se que neste grupo haja semelhança, no que se refere ao nível socioeconômico, uma vez que o público em geral desta escola reside na redondeza ou na adjacência da mesma.

Para realizar essa pesquisa foram tomados como base três instrumentos:

- 1) A montagem e elaboração das atividades da cartilha de apoio aos professores e estudantes, que contém as orientações para os docentes, mencionadas anteriormente, e as atividades para serem realizadas pelos estudantes.
- 2) Um questionário, cuja definição, segundo Marconi & Lakatos (1999, p.100) é “instrumento de coleta de dados constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito”. O referido questionário foi composto por perguntas abertas e fechadas (semiaberto), nesse caso, ressalta-se que a entrevista que é “o encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto” (Marconi & Lakatos, 1999, p.94) foi estruturada, pois foi

aplicada diretamente com a professora da turma, e possibilitou o tratamento quantitativo dos dados, com objetivo de obter informações mais precisas.

3) A observação sistemática, com base nos critérios científicos que norteiam os fundamentos teóricos desta investigação, e planejada, com a realização das atividades da cartilha de apoio.

Após a entrevista com a professora ficou determinado que todos os estudantes participariam dos momentos propostos para a vivência das atividades da cartilha de apoio, mas somente seria considerado, para a investigação, o material daqueles que possuíam dificuldade ou distúrbio de aprendizagem na leitura e/ou na escrita. Assim foram selecionados, após a triagem, quatorze estudantes, da turma “A”, com dificuldade ou distúrbio de aprendizagem na leitura e/ou na escrita.

RESULTADOS E DISCURSÕES

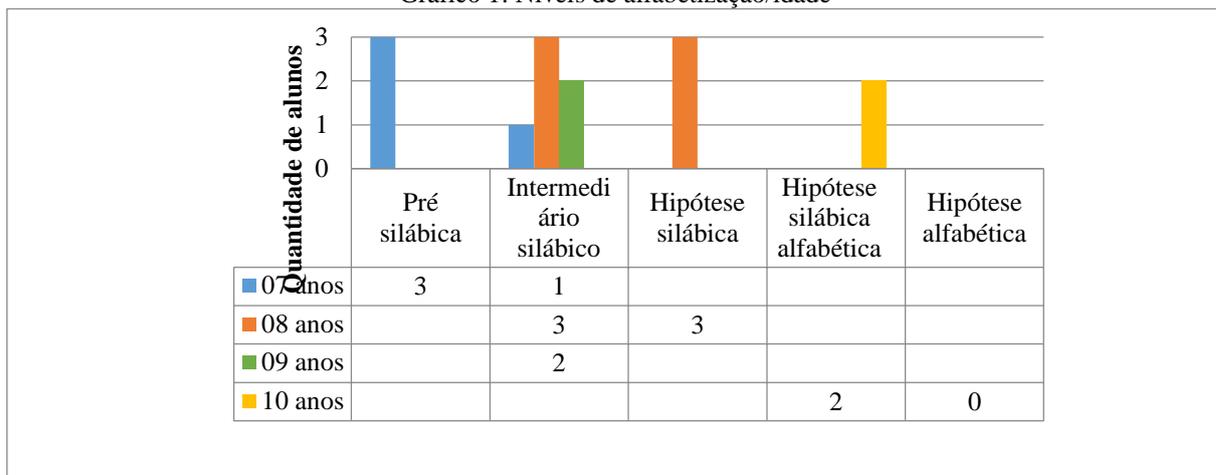
Buscou-se com a realização das atividades, possibilidades de compreender os fenômenos que apareceram na coleta. Assim sendo, aqui, serão mostrados alguns resultados das análises por meio das atividades lúdicas diferenciadas e vivenciadas pelos estudantes, para que se entenda a fragilidade ou desenvoltura de habilidades dos alunos. Destacamos maior importância para a análise das atividades lúdicas diferenciadas, realizadas pelos estudantes do grupo para a pesquisa da turma “A”. As gravações de áudio e vídeo não foram utilizadas nas análises, uma vez que não se fez necessário, pois os demais instrumentos foram suficientes para o que fora proposto por esta investigação. Ressalto, antes de tudo, que as observações apresentadas não são, de forma alguma, universais, pois grupos diferentes poderiam ter características diferentes, outrossim, que, cada indivíduo tem sua particularidade.

Perante as palavras de Vygotsky (1993), o aprendizado não pode ser determinista, pois o contexto não é igual para todos, já que em sua perspectiva o desenvolvimento humano parte do social para o individual, por meio de alguém mais experiente (o mediador/professor) que realizou o registro dos níveis de alfabetização da turma. Pois, faz-se necessário que o docente saiba em que nível de alfabetização o seu aluno encontra-se, para buscar subsídios ou realizar novas intervenções.

Segundo as etapas de classificação da alfabetização de Ferreiro e Teberosky (1999), conforme solicitado, a docente aferiu o nível de alfabetização que os estudantes dessa turma se encontravam. Salienta-se que apenas foram documentadas as informações dos níveis de alfabetização daqueles alunos com dificuldade na leitura e na escrita, conforme apresentado no gráfico abaixo:



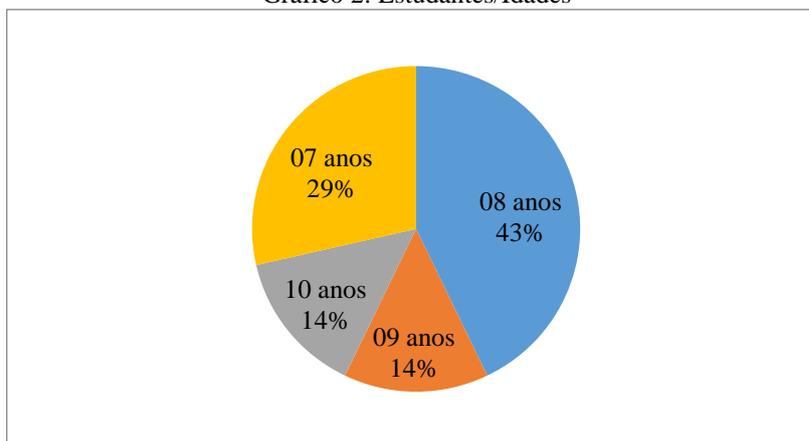
Gráfico 1: Níveis de alfabetização/idade



Fonte: Dados da pesquisa

No Brasil, a legislação conforme a lei 9.394/1996, que organiza a oferta de ensino diz que a criança deve ingressar aos 06 anos no 1º ano do Ensino Fundamental, e concluir esta etapa aos 14 anos. Considera-se o estudante em situação de distorção idade/ano quando a diferença entre a idade do estudante e a idade prevista para a série/ano for de dois anos ou mais. Conforme os dados mostrados no gráfico anterior e o que é estabelecido pela legislação brasileira supramencionada, nesta turma “A”, do 2º ano, encontra-se o seguinte percentual de estudantes com distorção idade/ano:

Gráfico 2: Estudantes/Idades

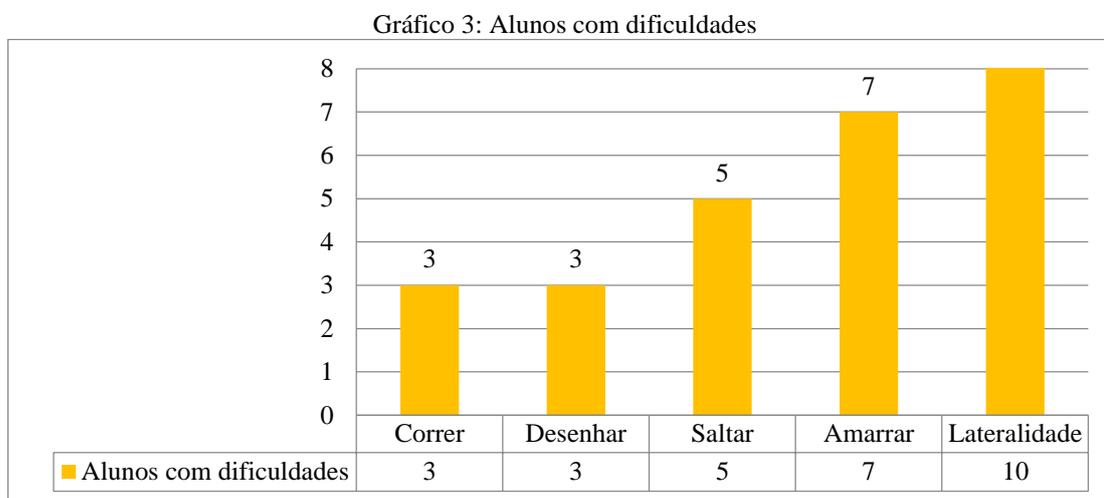


Fonte: Dados da pesquisa

Ou seja, 72% da turma “A” estão dentro do esperado, e 28% dos estudantes dessa turma, conforme a legislação, já estão em distorção idade/ano. Ressalta-se, ainda, que o índice de distorção atinge seu auge, praticamente, no 6º ano. Esse fenômeno se dá por conta da demasia de aprovações no Ensino Fundamental menor (séries iniciais de 1º ao 4º ano). Isso significa que muitas vezes o aluno progride passando de ano, mas continua com dificuldade em leitura, escrita, interpretação textual e/ou nas operações matemáticas. Ressaltamos, ainda,

que os alunos das escolas de rede municipal, neste estado, do 1º e 2º ano não podem ser retidos (reprovados).

Quando a criança tem o desenvolvimento psicomotor fragilizado, há grande possibilidade de ela apresentar problemas na escrita, na leitura, entre outros. Visto que, muitas habilidades estão presentes na leitura e na escrita, como: Movimentação dos olhos da esquerda para a direita, que são necessários para a escrita; Percepção auditiva; Domínio manual constituído, e noção de linearidade da disposição sucessiva das letras e palavras, e outras habilidades mais. Vejamos o gráfico abaixo, com a quantidade de alunos, por dificuldades em algumas habilidades motoras:



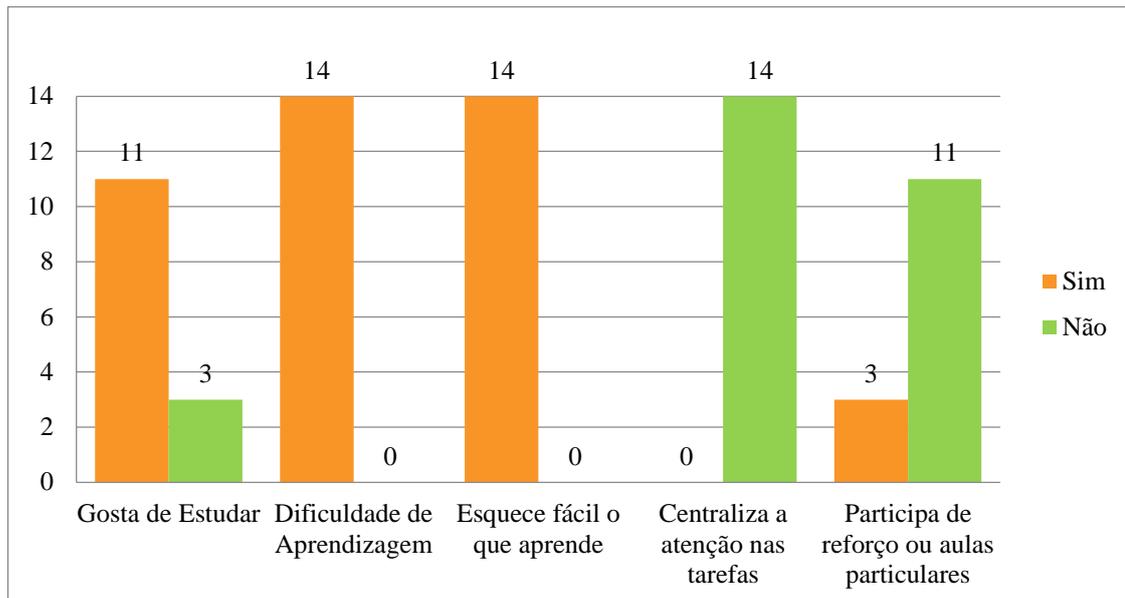
Fonte: Dados da pesquisa

O gráfico nos mostra que a desenvoltura motor dos estudantes dessa turma, com DA está fragilizada. Embora, nem todos os estudantes tenham todas as dificuldades motoras citadas, e nem todos tenha apenas uma dificuldade motora mencionada no gráfico.

No que se refere ao cognitivo, a cognição (processo de aquisição de conhecimento) está relacionada com diversos fatores como: atenção, linguagem, percepção, raciocínio, memória, associação, e outros, que resultam no desenvolvimento intelectual. Ou melhor, é um conjunto de habilidades cerebrais. O conceito de cognição remete ao processo cognitivo que ocorre durante toda a vida de um indivíduo. Piaget (1998), criador da teoria cognitiva, afirma sobre a importância dos estágios do desenvolvimento infantil que são as fases: sensório-motora, pré-operatória, operatório-concreta e operatório-formal.

Vejamos a estatística referente a algumas questões cognitivas e história escolar da turma “A”, no gráfico abaixo.

Gráfico 4: Cognitivo/História escolar



Fonte: Dados da pesquisa

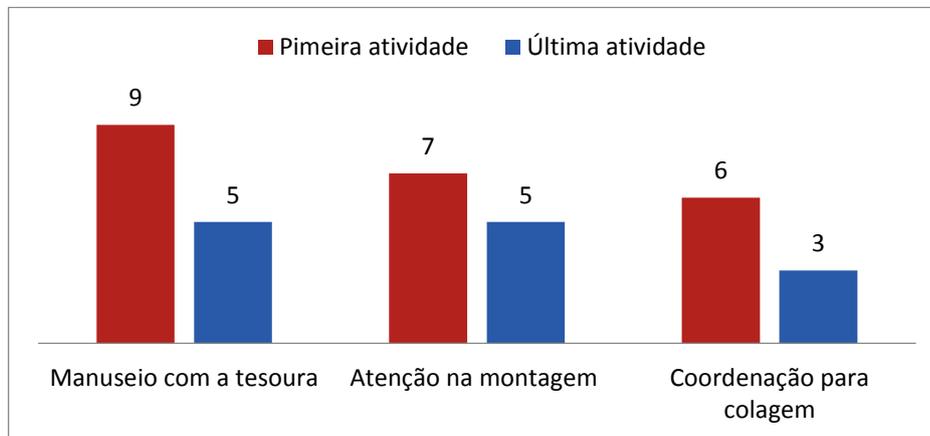
A análise dos resultados do questionário realizado permitiu identificar que, mesmo com DA, três estudantes gostam de estudar, eles almejam aprender. A dificuldade não os bloqueou e nem atingiu sua autoestima, até o momento desta pesquisa. Ressalta-se a importância da autoestima elevada, que é primordial no processo de desenvolvimento de todos os indivíduos.

Identificamos estatisticamente que, a dificuldade de aprendizagem está presente nos quatorze estudantes, assim como a situação de esquecer fácil o que aprende. O processo de aprendizagem para estes se dá de forma complexa, pois a facilidade em esquecer o que aprende é recorrente, por que o déficit de atenção, que atualmente é a desordem mental mais diagnosticada nas crianças brasileiras é bastante presente neste grupo, mas nenhuma delas têm diagnóstico, o que se salienta de grande importância para entender o comportamento de uma criança, e não rotulá-la de forma equivocada. Tudo isso repercute principalmente na centralização de atenção dos estudantes nas tarefas, já que a atenção se ocupa em regular os processos cognitivos. Inclusive, na pesquisa, como mostra a estatística acima, constatamos que todos têm essa fragilidade.

A motricidade e a cognição estão totalmente interligadas no período da alfabetização, embora em décadas passadas os estudos não as interligava, estudava-as separadamente. Entretanto, nas primeiras atividades da cartilha (anexo 4), encontram-se os exercícios que foram utilizados com os estudantes dessa turma, com o intuito de desenvolver ou aprimorar habilidades de coordenação motora fina e atenção.

Segue, abaixo, a comparação dos resultados das primeiras e das últimas atividades, que se referem à coordenação motora e atenção, que foram realizadas durante esta pesquisa.

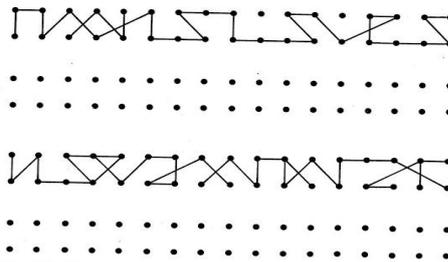
Gráfico 5: Comparação das dificuldades existentes nas atividades realizadas com a turma "A"



Fonte: Dados da pesquisa

Todas as atividades sempre foram realizadas dentro da sala de aula, devido a isso, infelizmente o tempo tornava-se limitado, o que pouco favoreceu aos estudantes que possuíam o ritmo mais diferenciado do que a maioria. Mesmo assim o resultado foi totalmente positivo. Nas atividades que precisava manusear a tesoura nove (09) estudantes – 64% da turma – possuía um grau alto de dificuldade para essa habilidade motora fina, já na última atividade de manuseio com a tesoura, apenas cinco (05) alunos – 36% do grupo – permaneceu com maiores dificuldades. Trabalhos que desenvolvem habilidades manuais fortalecem nos indivíduos a dimensão do poder fazer, do saber fazer, desmistificando o que muitos deles repetem internamente: “eu não sei fazer”. Além de desenvolver a coordenação visomotora, que é uma função intelectual que coordena os movimentos dos olhos com os das mãos e o pensamento, segundo Narvarte (2002). Dessa forma, somente quando essa função está desenvolvida é que há a possibilidade de uma escrita correta e ágil. Estudantes com disgrafia (transtorno da escrita que não é considerado déficit neurológico ou intelectual) têm dificuldade na escrita como consequência da motricidade deficiente, e com isso, geralmente, são portadores de lentidão na escrita, escrita torpe, movimentos gráficos dissociados, rigidez na escrita, manejo incorreto do lápis devido a alterações na motricidade fina, que compromete o uso dos instrumentos para escrever ou desenhar. As atividades de manuseios manuais foram primordiais para essas dificuldades, como por exemplo essa atividade que segue abaixo, e outras que se encontram na cartilha:

Atividade 1: Reproduza o desenho nas linhas de baixo



Como contribuições práticas, as atividades propostas e o resultado do que fora produzido pelos estudantes poderão encorajar outras práticas em sala de aula e em outras escolas. Consideramos positivos os resultados observados nessa pesquisa, pois existem questionamentos sobre o uso da cartilha com atividades diferenciadas, além disso, o pouco espaço de tempo da carga horária pode fazer com que os professores não se permita arriscar a prática em metodologias e abordagens como as que foram aplicadas, uma vez que para trabalhá-las é preciso dedicação de um tempo a mais para elaborar as atividades.

Salientamos que o retorno desta pesquisa, aos alunos, ocorreu concomitantemente à vivência da mesma, pois a cada dia que as atividades eram realizadas por eles, percebendo que o resultado era progressivo, aconteciam os elogios, que ajudavam na elevação da autoestima, concedendo determinado empoderamento aos alunos.

CONCLUSÃO

Ao longo da pesquisa foi esclarecido sobre a importância do desenvolvimento motor, e assim promovido o desenvolvimento psicomotor com a maturação do sistema nervoso, e o objetivo do controle e da coordenação motora para a desenvoltura da escrita.

Conforme Piaget (1975), o processo da aprendizagem da escrita ocorre com a evolução do cognitivo que acontece de dentro para fora, do indivíduo, de acordo com a maturidade que ele se encontra. De acordo com o resultado de todas as intervenções e principalmente as atividades realizadas, a turma “A” evoluiu quanto aos níveis alfabéticos classificados na sondagem inicial, e também no que se refere às diversas motricidades gerando um amadurecimento visomotor, e por esse motivo gerando também um determinado aumento na autoestima. Com isso, constata-se que é preciso “ensinar às crianças a linguagem escrita, e não apenas a escrita das letras” (Vygotsky, 1998, p. 157).

Vejamos na tabela, abaixo, os níveis de alfabetização que se encontrava a turma “A” no final da investigação, e habilidades e competências potencializadas ou desenvolvidas:

Quadro: Níveis de alfabetização – sondagem final

Níveis de Alfabetização – Sondagem final		Habilidades/competências
Nome do Aluno	Nível de Alfabetização	Potencializadas ou desenvolvidas
Maria	Hipótese silábica (nível 3)	Motora fina; visomotora
Henrique	Hipótese silábica alfabética (nível 4)	Motora fina; lateralidade
Sandro	Hipótese silábica (nível 3)	Visomotora; motora fina
José	Hipótese silábica (nível 3)	Atenção
Natália	Hipótese silábica (nível 3)	Atenção
Rosa	Intermediário silábico (nível 2)	Visomotora; atenção
Leonardo	Intermediário silábico (nível 2)	Visomotora
Isabela	Hipótese silábica (nível 3)	Motora fina; lateralidade
Paulinho	Hipótese silábica alfabética (nível 4)	Motora fina; lateralidade
Mateus	Hipótese alfabética (nível 5)	Atenção; lateralidade
Pedrinho	Hipótese silábica alfabética (nível 4)	Motora fina; lateralidade
Ana	Hipótese alfabética (nível 5)	Lateralidade; atenção
João	Hipótese silábica alfabética (nível 4)	Motora fina; atenção
Júnior	Hipótese silábica alfabética (nível 4)	Motora fina; atenção

Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com a tabela acima o resultado foi totalmente positivo não somente nos níveis de leitura e escrita, mas também no aspecto principal, que foi o amadurecimento das crianças em função da sua idade cronológica e o desenvolvimento de suas habilidades/competências cognitivas e emocionais, que embasam as aptidões de leitura e escrita. O quadro das DA's absorve uma diversidade de necessidades educacionais, destacadamente aquelas associadas a: dificuldades específicas de aprendizagem como a dislexia e disfunções correlatas; problemas de atenção, perceptivos, emocionais, de memória, cognitivos, psicolinguísticos, psicomotores, motores, de comportamento; e ainda há fatores ecológicos e socioeconômicos, como as privações de caráter sócio-cultural e nutricional.

Por fim, vale ressaltar que os resultados desta pesquisa apresentaram que é possível o professor trabalhar com o apoio da cartilha de atividades, que desenvolvam habilidades/competências nos estudantes, desde que ele (o docente) esteja próximo da necessidade de cada estudante, e planeje sua hora/aula para a vivência dos conteúdos determinados e para tais atividades, acompanhando individualmente, o resultado desse trabalho com o aluno.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Estelbina. M. de. *Metodologia da investigação quantitativa e qualitativa: normas técnicas de apresentação de trabalhos científicos*. 2. ed. Versão em português: Cesar Amarilhas. Assunção, Paraguai: Faz. (2010).

BRITO, Dorival R. *Distúrbios da Aprendizagem*. Disponível online em < <http://www.drb-assessoria.com.br/da.pdf> > Acesso em 09 de novembro de 2016.

CRATTY, Bryant. J. *A inteligência pelo movimento: atividades físicas para reforçar a atividade intelectual*. Tradução Roberto Goldkorn. São Paulo: Difel. (1975).

FERREIRO, E. & Teberosky, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Art Med, (2008).

LAKATOS, Eva. M. & Marconi, M. de A. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas. (1993).

LEFRÈVE, A. B. *Disfunção cerebral mínima: estudo multidisciplinar*. São Paulo: Sarvier. (1975).

PIAGET, Jean. *L'épistémologie et ses variétés*. In J. Piaget. Ed. Logique et Connaissance Scientifique. Paris: Ene. de la Pléiade. (1966).

SÁNCHEZ, A. *Metodología: Conceptos y fundamentos*. Acesso em 28 de fevereiro de 2016. http://ele.sgel.es/ficheros/material_didactico/downloads/03%20-%20Aquilino%20S%C3%A1nchez_19.pdf. (2000).

VELASCO, Cacilda. G. *Brincar – o despertar psicomotor*. Rio de Janeiro: Sprint. (1996).

VYGOTSKY, Lev. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes. (1994).

_____. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes. (1987).